

DE FERENCZI A BALINT: O DESENVOLVIMENTO DA QUESTÃO DA ANÁLISE DIDÁTICA

*FROM FERENCZI TO BALINT: THE DEVELOPMENT OF THE QUESTION
OF THE TRAINING ANALYSIS*

Marcus Kleredis Monteiro Vieira ¹ Orlando Soeiro Cruxên ²

Resumo

Este trabalho trata das formulações de Ferenczi e Balint sobre a análise pessoal para o psicanalista em formação. Ao propor a chamada “técnica ativa”, Ferenczi lança novas exigências ao trabalho do psicanalista. Observa-se que essas exigências, concernentes aos atributos pessoais do psicanalista, engendraram o aumento das ambições relativas à análise com fins de formação, que, segundo Ferenczi, deveriam avançar para além da remissão dos sintomas, chegando até o esgotamento das fantasias inconscientes. Balint, por sua vez, rompeu a barreira de silêncio que pairava sobre a chamada “análise didática” desde sua adoção pela IPA como requisito para a formação do psicanalista. Destaca-se aqui a crítica do autor às formas assumidas pela análise didática no interior das instituições afiliadas à IPA e sua abordagem do desenvolvimento da questão da análise de formação no movimento psicanalítico, da chegada dos primeiros psicanalistas até o início da década de cinquenta do século XX.

Palavras-chave: Análise didática; Formação do analista; Ferenczi; Balint.

Abstract

This work deals with postulations by Ferenczi and Balint related to personal analysis of the training psychoanalyst. By proposing the so-called “active technique”, Ferenczi launched new requirements for the psychoanalyst’s function. It is observed that those requirements concerning personal abilities presented by the psychoanalyst engendered an increase in ambitions related to analysis aimed at formation which, according to Ferenczi, should extend beyond remission of symptoms until unconscious fantasies become exhausted. In his turn, Balint flew over the silence barrier that impeded application of the so-called “training analysis” since its adoption by IPA as a requirement for the formation of the psychoanalyst. One is to highlight here the author’s critical appraisal of forms assumed by training analysis within institutions affiliated with IPA and his approach to the development of the issue concerning formation analysis in the psychoanalytical movement since arrival of the first psychoanalysts up to the beginning of the 50’s decade in the XX century.

Keywords: Training analysis; Analyst’s formation; Ferenczi; Balint.

¹ Marcus Kleredis Monteiro Vieira, membro da formação permanente do Corpo Freudiano de Fortaleza – Escola de Psicanálise, possui graduação e mestrado em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará. E-mail: kleredis@yahoo.com.br.

² Orlando Soeiro Cruxên, professor adjunto da Universidade Federal do Ceará, possui graduação e mestrado em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará, mestrado em Dea Psychanalyse pela Université Paris 8 Vincennes-Saint-Denis e doutorado em Psicopatologia e Psicanálise pela Université Paris 13 (Paris-Nord) - Campus de Villetaneuse. E-mail: ocruxen@uol.com.br.

DE FERENCZI A BALINT: O DESENVOLVIMENTO DA QUESTÃO DA ANÁLISE DIDÁTICA

Ferenczi foi o primeiro psicanalista, antes mesmo de Freud, a construir uma reflexão sobre o fim da análise e sua relação com a formação do psicanalista. Balint, por sua vez, iniciou, após um longo período de silêncio sobre o assunto no movimento psicanalítico, um profícuo questionamento sobre as formas assumidas pela chamada “análise didática” nas instituições afiliadas à Associação Internacional de Psicanálise (IPA).

O pioneirismo da articulação feita por Ferenczi entre o fim da análise e a formação do psicanalista, bem como a inserção da questão da análise didática na pauta de discussão do movimento psicanalítico realizada por Balint já justificariam, por si, um olhar mais atento às reflexões dos autores. Contudo, os trabalhos de Ferenczi e de Balint não se enquadram apenas numa “história da questão da formação do psicanalista”. Suas formulações atravessaram de forma significativa as abordagens de autores como Freud e Lacan. Em “Análise terminável e interminável” (1937/1996b), Freud “dialoga” – quase ponto a ponto - com a teorização de Ferenczi sobre o final da análise e seus efeitos para a formação do psicanalista. Lacan, por sua vez, em “Situação da psicanálise e formação do psicanalista em 1956” (1956/1998), se utiliza da abordagem de Balint para construir sua crítica ao sistema de formação de analistas da Associação Internacional de Psicanálise, o que lhe permite reintroduzir a questão sob os parâmetros de seu emergente ensino e, em momento posterior, propor um novo sistema de formação que levasse em consideração não apenas os impasses institucionais apontados por Balint, mas também, de forma nuclear, a questão do fim da análise e o que dela pode ser transmitido.

Neste trabalho, trataremos das formulações pioneiras de Ferenczi e de Balint referentes, respectivamente, à análise com fins de formação e seu lugar nas instituições afiliadas à IPA. No primeiro momento, veremos como Ferenczi, a partir do foco no manejo do tratamento, produz uma reflexão sobre os efeitos da análise com fins de formação levada a seu termo na formação do psicanalista. No segundo momento, abordaremos a retomada feita por Balint da teorização de Ferenczi e sua aplicação ao problema da formação de psicanalistas nas instituições afiliadas à IPA.

FERENCZI: A REFORMULAÇÃO DA TÉCNICA PSICANALÍTICA E O FIM DA ANÁLISE

Ferenczi foi um dos principais expoentes do movimento psicanalítico, figurando, inclusive, como um dos impulsioneiros da criação da Associação Internacional de Psicanálise. Durante cerca de uma década e meia, manteve sua clínica e sua produção teórica em consonância com Freud. Entretanto, a partir de 1919, com a conferência publicada sob o título de “A técnica psicanalítica” (1919/1992), Ferenczi passou a propor uma série de inovações técnicas com o intuito de contornar os impasses do tratamento. Essas inovações técnicas, que se articulam de forma íntima à questão da formação do psicanalista, puseram um fim a sua profícuo interlocução com Freud e, posteriormente, somadas a outros fatores, ensejaram seu processo de exclusão da IPA, justificado pelo diagnóstico de psicose.

Em “A técnica psicanalítica” (1919/1992), Ferenczi questiona aquilo que Freud denomina a “regra fundamental da psicanálise”, isto é, a associação livre. Para Ferenczi, o apelo para que o analisante associe sem reservas exclui do tratamen-

to psicanalítico a consideração de gestos corporais reveladores, que, por sua vez, deveriam ser incorporados ao material associativo, pois comportam sentido e proporcionam descarga energética. Nessa perspectiva, o psicanalista deveria dividir sua atenção entre o trabalho de anulação das resistências à associação livre, o manejo da transferência e, finalmente, a interpretação do não verbal.

Entretanto, a fim de cumprir a tarefa de intérprete das resistências, da transferência e do não verbal, o psicanalista necessitaria abrir mão da ilusão de neutralidade em sua escuta. Para ele, as intervenções do psicanalista não estão livres da ação de seu próprio inconsciente. Em 1919, Ferenczi perguntava-se: se o psicanalista não é infalível e suas interpretações podem comportar distorções forçadas por seu próprio inconsciente, qual seria a garantia do trabalho do psicanalista? Esse é o momento em que o problema da “contratransferência” toma lugar primordial em suas formulações. Para Ferenczi, o controle rígido da fala e dos atos pelo próprio psicanalista com o intuito de impedir que chegue ao analisante os efeitos de sua fala sobre si consistiria, na realidade, numa forma de resistência à contratransferência. O problema maior dessa postura rígida do psicanalista seria a limitação do desenvolvimento da transferência. A solução possível, segundo suas conclusões, seria o psicanalista dar livre curso às reações despertadas pelo material trazido pelo analisante. Ferenczi vira o jogo: a contratransferência não seria mais uma barreira, mas um suporte real à transferência, garantindo, dessa forma, o andamento do tratamento psicanalítico.

A utilização das próprias reações a fim de oferecer suporte à transferência do analisante lança uma exigência ao psicanalista. Segundo Ferenczi, o psicanalista abandonaria a posição passiva de objeto-pívô do fluxo associativo do analisante e

assumiria as rédeas do tratamento através de seu próprio ser. De acordo com essa compreensão, o ser do psicanalista consistiria na principal garantia de efetivação de uma análise. É justamente nesse ponto que a análise pessoal para o psicanalista emerge para Ferenczi como uma questão crucial para a psicanálise. Afinal de contas, como operar a partir do próprio ser sem prepará-lo para isso?

Segundo Ferenczi, o processo analítico deve visar à cura total do analisante, ou seja, o esgotamento de seus sintomas e fantasias de forma a torná-lo mais adaptado às exigências da realidade. Para o analista, entretanto, as ambições são maiores, pois, conforme estabelece Ferenczi, a análise com fins de formação precisa avançar para além da remissão dos sintomas e da retificação da fantasia.

As inovações técnicas trazidas por Ferenczi, especificamente a “técnica ativa”, lançaram novas exigências ao analista, que já não ocupava somente as posições passivas de objeto da transferência e de ouvinte da teia associativa do paciente, mas intervinha de forma ativa com suas próprias reações. Notamos que nesse processo, a garantia do sucesso do tratamento se deslocou do trabalho do analisante para a pessoa do psicanalista. Nesse sentido, as exigências feitas ao psicanalista aumentaram, requerendo, portanto, uma formação capaz de subsidiá-lo dos atributos pessoais que, posteriormente, seriam utilizadas no manejo do tratamento.

“O problema do fim da análise” (1927/2011a), trabalho exposto no *X Congresso Internacional de Psicanálise*, traz a primeira contribuição de relevo a dois assuntos, até então, pouco abordados na literatura psicanalítica: o fim da análise e a análise com fins de formação. Ferenczi inicia o artigo “O problema do fim da análise” (1927/2011a) com o relato de um caso clínico em que o analisante mentia de forma contumaz. O autor estabelece uma corre-

lação entre a mentira dos adultos e as fantasias infantis e chega à conclusão de que a noção freudiana da realidade enquanto dado psíquico padece do mal de desconsiderar os aspectos da realidade efetiva implicados na fantasia. Ferenczi vai além e afirma que a análise não deve se restringir ao desvendamento da fantasia, mas promover uma nítida separação entre a ficção da fantasia e a realidade factual: “Adquiri a convicção de que nenhum caso de histeria pode ser considerado definitivamente solucionado enquanto a reconstrução, no sentido de uma separação rigorosa do real e da pura fantasia, não estiver consumada (Ferenczi, 1927/2011a, p.19)”.

A separação entre fantasia e realidade ao fim da análise assume para Ferenczi caráter profilático, pois o analisante, diante de qualquer situação desagradável, não lançaria mão novamente do recurso ficcional da fantasia, ficando o pé, portanto, na realidade. Nessa perspectiva, o fim da análise corresponde à extinção da “mentira” da fantasia inconsciente em função do advento da “verdade” da realidade. Mas, quem sustentaria na análise a realidade a não ser o analista? É evidente, nesse ponto de vista, que o analista deve servir de sustentáculo da realidade, precisando, a fim de possibilitar o processo, livrar-se de suas “mentiras” inconscientes.

O trabalho de Ferenczi sobre o fim da análise foi elaborado após o advento do conceito freudiano de pulsão de morte. O objetivo da análise de tornar o inconsciente consciente havia sofrido o abalo da formulação freudiana de que algo resiste à inscrição psíquica e dificulta a decifração do enigma do sintoma. Nesse contexto, Ferenczi, no trabalho de 1927, define caráter como aquilo que, na ocasião do recalque do representante ideativo da pulsão, “constituiu-se como automatismo protetor, retrocedendo até seus fundamentos pulsionais (Ferenczi, 1927/2011a, p.20)”.

A fim de evitarmos uma longa digressão na conceituação de caráter, utilizaremos uma definição que o contrapõe ao conceito de sintoma, pois, assim, contemplamos a assertiva de Ferenczi de que uma análise levada a seu termo avança para além dos sintomas de forma a dissolver o caráter cristalizado. Sintoma e caráter são formas distintas de satisfação da pulsão, onde o primeiro termo é formado pelo conflito psíquico - engendrando, portanto, uma formação de compromisso -, enquanto o segundo é constituído por vestígios de investimentos libidinais em objetos perdidos. Como afirma Miller, o sintoma, por se tratar de uma formação de compromisso, está no campo da linguagem, enquanto o caráter se situa fora deste.

En el carácter está en primer plano la *Befriedigung*, la satisfacción. Y Freud llama carácter a lo que em el sujeto no se satisface com el sintoma, lo hace aparecer como um mode de satisfacción de la pulsión, que no moviliza el sintoma como message del Outro (Miller, 1997/2008, p. 119)

Ferenczi espera que a análise dissolva a estrutura cristalizada do caráter e proporcione o surgimento de uma nova estrutura, mais fluida e adaptada à realidade. Conforme abordamos anteriormente, um dos objetivos do tratamento psicanalítico, segundo Ferenczi, é viabilizar o acesso do analisante à realidade, de forma que abra mão do recurso da fantasia inconsciente. Nessa perspectiva, o analista deve servir de fiador da realidade para o analisante. Mas, como o analista poderia servir de suporte para a realidade diante de um sujeito que se agarra à fantasia sem ter adquirido, em sua própria análise, o livre acesso ao que Ferenczi denomina “realidade efetiva”? Para Ferenczi, o término da análise se con-

funde com o esgotamento do inconsciente e de seus enredos fictícios. Só depois desse processo, o analista torna-se capaz de conduzir uma análise e remeter o analisante à realidade, que não é singular, no sentido dado por Freud, mas compartilhável pelos dois sujeitos envolvidos na análise.

No trabalho sobre o fim da análise, Ferenczi afirma que um dos principais obstáculos ao tratamento são as resistências decorrentes das dúvidas do analisante sobre a confiabilidade do analista. Vimos anteriormente que Ferenczi defendia, no artigo “A técnica psicanalítica” (1919/1992), a expressão das reações do analista diante do analisante a fim de fornecer livre curso à transferência. No trabalho de 1927, Ferenczi parece modificar seu ponto de vista, passando a sustentar que o analista deve ser “objetivo” a ponto de não demonstrar suas falhas pessoais, como, por exemplo, a deformação da verdade, a impaciência, ou mesmo, o não reconhecimento do próprio erro. Como o próprio autor afirma, o analista, a fim de viabilizar o tratamento, deve ter uma “performance quase sobre-humana (Ferenczi, 1927/1992, p.23)”.

Existe uma aparente mudança de posição entre o artigo sobre a técnica psicanalítica e o trabalho sobre o fim da análise no que se refere ao papel do analista. Ferenczi, no primeiro artigo, defende uma maior participação do analista no fluxo associativo do paciente, enquanto no segundo, lança mão da ideia de objetividade com o intuito de limitar as falhas do analista. Essa mudança de posição é apenas aparente, pois o que possibilita a eficácia da técnica ativa no primeiro momento é o mesmo que garante a objetividade no segundo, a saber, a pessoa do psicanalista. Esta, nos dois trabalhos, aparece como principal motivo do fracasso e do sucesso do tratamento.

Nesse contexto, a análise pessoal do analista torna-se fundamental. Para que o analista possa adquirir os atribui-

tos necessários para uma “performance sobre-humana”, para citar o autor, é preciso que ele passe por uma análise que vá até seu termo, isto é, para além da remissão dos sintomas. “(...) o analista, de quem depende o destino de tantos seres, deve conhecer e controlar até as fraquezas mais escondidas de sua própria personalidade, o que é impossível sem uma análise inteiramente terminada (Ferenczi, 1927/1992, p.24)”.

O analista deve conhecer e controlar suas próprias fraquezas para que, assim, possa empreender análises. A análise do analista, tendo chegado a seu final, proporcionaria o conhecimento e o controle de si e, conforme abordamos anteriormente, da realidade efetiva. Dessa forma, o analista pode tornar-se “objetivo” na condução do tratamento e, a partir disso, utilizar a técnica ativa sem enganos.

No artigo “Elasticidade da técnica psicanalítica” (1928/2011b), Ferenczi guarda maiores ambições em relação ao que ele chama de “(...) a segunda regra fundamental da psicanálise, isto é, que quem quer analisar os outros deve, em primeiro lugar, ser ele próprio analisado (Ferenczi, 1928/2011b, p.31)”. No mesmo texto, Ferenczi afirma que os analistas formados através da experiência da “segunda regra fundamental da psicanálise” entram em concordância em relação à elaboração dos fenômenos da clínica psicanalítica e, mais ainda, adotam os mesmos procedimentos técnicos.

Toda pessoa que foi analisada a fundo, que aprendeu a conhecer completamente e a controlar suas inevitáveis fraquezas e particularidades de caráter, chegará necessariamente nas mesmas constatações objetivas, no decorrer do exame e do tratamento do mesmo objeto de investigação psíquica e, por via de consequência, adotará as mesmas medidas táticas e téc-

nicas. De fato, tenho a impressão de que, após a introdução da segunda regra fundamental, as diferenças de técnica analítica estão prestes a desaparecer. (Ferenczi, 1928/2011b, p.31)

Ferenczi pretende encontrar na análise pessoal do analista não apenas uma forma de garantia para o tratamento psicanalítico, mas também a padronização da prática da psicanálise para todo e qualquer analista. De certa forma, o autor almeja com a efetivação da “segunda regra fundamental da psicanálise” a ausência de qualquer traço de singularidade do analista em sua prática.

Diante da ausência de teorização a respeito da exigência da análise didática na IPA – que já existia desde 1920 –, a noção de que a pessoa do psicanalista consiste na causa do sucesso e do fracasso da análise passou a ser tomada pelos demais psicanalistas como fundamental para a psicanálise. Nesse período, o domínio da contratransferência por parte do psicanalista a fim de permitir a objetividade necessária à condução do tratamento passou a ser o principal objetivo da análise didática nas instituições afiliadas à IPA. Contudo, divergindo de Ferenczi, que sustentava que o final da análise se dava pelo esgotamento da fantasia, consistindo, portanto, num desenlace “natural” do processo, a IPA regulamentou de forma excessiva as análises didáticas, estabelecendo critérios temporais para seu término.

No tópico seguinte, trataremos da retomada feita por Balint da reflexão de Ferenczi sobre a questão da análise didática, bem como sua aplicação ao problema do sistema de formação do psicanalista nas instituições afiliadas à IPA.

BALINT: O SISTEMA DE FORMAÇÃO DA IPA E AS MODALIDADES DE ANÁLISE DIDÁTICA

Expusemos acima as inovações de Ferenczi relativas à técnica psicanalítica, o condicionamento do sucesso e do fracasso do tratamento aos atributos da pessoa do analista e, principalmente, as características da análise com fins de formação. Neste tópico, veremos como Balint manteve de Ferenczi o princípio norteador de que a análise com fins de formação não deve estar dissociada dos princípios da análise com fins de cura, embora ambos postulem a existência de diferenças fundamentais no tocante à finalidade e ao desenlace entre as duas “modalidades de análise”.

Balint ocupa relevante papel no movimento psicanalítico ao ser o primeiro a questionar de forma contundente o sistema de formação de psicanalistas da IPA e as formas assumidas neste pela análise didática. Seu artigo “Sobre o sistema de formação psicanalítica” (1947/1985)¹ rompeu com o silêncio que pairava sobre a prática da análise didática desde sua implantação como exigência à formação do psicanalista na IPA. Mais do que isso, Balint questionou as razões desse silêncio e encontrou no cerne da formação do psicanalista nas instituições afiliadas à IPA uma incompatibilidade desconcertante com a própria prática psicanalítica.

No artigo “Sobre o sistema de formação psicanalítica” (1947/1985), Balint analisa dois sintomas do sistema de formação da IPA: o primeiro é o fato dos analistas didatas, conhecidos por serem prolíficos escritores, não produzirem teoria a respeito da análise didática; o segundo sintoma apontado pelo autor é a atitude dogmática dos mesmos analistas didatas em relação à análise didática. Dessa forma, Balint desvela um cenário intrigante onde a prática da análise didática não é esclarecida por seus empreendedores, mas, mesmo assim,

adquire feições dogmáticas. Em vista disso, Balint compara o sistema de formação da IPA e, mais precisamente, a análise didática a rituais religiosos de iniciação baseados em “fábulas esotéricas”.

Toda a atmosfera lembra fortemente as cerimônias primitivas de iniciação. Do lado dos iniciadores – o Comitê de Formação e os analistas didatas – constata-se o segredo que envolve nosso saber esotérico, assim como a enunciação dogmática de nossos regulamentos, e o uso de técnicas autoritárias. Do lado dos candidatos, isto é, daqueles que se deve iniciar, constata-se a pronta aceitação das fábulas esotéricas, a submissão ao tratamento dogmático e autoritário sem muitos protestos e o comportamento reverencioso. (Balint, 1947 como citado em Safouan, 1985, p.22)

No trecho acima, Balint evidencia que o “segredo” relativo à formação do psicanalista é sustentado por regulamentos dogmáticos e técnicas autoritárias. A autoridade se impõe com a finalidade de silenciar todo e qualquer questionamento acerca de algo que é mantido sob a capa do não dito. Iniciadores e iniciados, isto é, analistas didatas e candidatos a analistas fazem um pacto implícito de ignorância. Conforme Safouan afirma,

Admitir-se-á facilmente, como Balint, que uma ignorância que, por falta de ser confessa, faz-se passar por um saber esotérico, encontra sua compensação no dogmatismo. Mas não deixa de ser interessante observar que o dogmatismo apela para uma estrutura institucional autoritária e que o benefício desta estrutura leva a proteger a ignorância. (Safouan, 1985, p. 23)

Balint deixa claro que o sistema de formação de psicanalistas da IPA está assentado na ignorância inconfessada a respeito da análise didática. Safouan, partindo disso, afirma que a estrutura institucional visa, justamente, a manter essa mesma ignorância. Podemos observar, portanto, um ciclo vicioso que se inicia com a ignorância relativa à análise didática, engendrando, posteriormente, atitudes dogmáticas a fim de compensar a ausência de qualquer reflexão consistente e que, ao seu final, geram mais ignorância. Dessa forma, o candidato a analista cumpre a exigência da análise didática sem que ninguém saiba ao certo qual a função desta em sua formação e se seus critérios de tempo possuem algum amparo teórico.

Diante do silêncio geral sobre os objetivos e características da análise didática –quebrado somente por tímidas e esparsas reflexões –, Balint apresenta no XVIII Congresso Internacional de Psicanálise, em 1953, o trabalho intitulado “Formação psicanalítica e análise didática” (1953)². O autor inicia o trabalho fazendo um breve histórico da análise de formação, que, de acordo com sua definição, possui cinco períodos específicos. No primeiro período, denominado de “instrução”³, havia apenas a leitura da obra de Freud e o debate em torno de suas idéias. Mais tarde, porém, por ocasião do segundo período, chamado de “demonstração”⁴,

(...) a necessidade por algo mais que o saber intelectual foi reconhecida, e esse ‘algo mais’ consistiu numa curta análise durando de algumas semanas a alguns meses, que capacitou o candidato a experimentar em sua própria mente a validade e a força de muitas descobertas psicanalíticas”. (Balint, 1953, p.157)⁵

Destacamos do trecho acima transcrito, a ideia de que curtas análises eram

empreendidas a fim de fornecer a convicção sobre a “validade” dos enunciados psicanalíticos. Esse ponto de vista acerca da função das análises de “demonstração”, para utilizar o termo de Balint, é adotado por Freud em diversos momentos do desenvolvimento da questão em sua obra, embora, via de regra, a função específica de convencimento venha atrelada a outras.

Enquanto no primeiro período não houve questionamento sobre o trabalho de instrução, no segundo período, a prática da análise de demonstração gerou debates e resistência por parte de alguns analistas. Segundo o autor, o protagonista no ataque contra o método de demonstração foi Ferenczi, que argumentava que era uma situação insustentável o fato de “que os pacientes poderiam ser melhores analisados que seus analistas (Balint, 1953, p.157)⁶”. Como vimos anteriormente, Ferenczi, antes de postular a coincidência dos efeitos de formação de uma análise com seu término, afirmava que a análise didática deveria ir tão longe e ser tão aprofundada quanto uma análise com fins de cura.

A posição de Ferenczi passou a ser aceita e, rapidamente, a análise de demonstração foi substituída pela análise pessoal, iniciando, dessa forma, o terceiro período. Vale destacar que o período da “análise pessoal⁷” coincide com a publicação do artigo “Sobre o ensino da psicanálise nas universidades” (1919/1996a) - onde Freud formaliza a composição do tripé de formação do psicanalista - e com o surgimento do sistema de formação da IPA, que adota a composição do tripé proposto por Freud com ênfase na exigência da análise didática.

Contudo, enquanto a regulamentação relativa à análise didática recrudescia na IPA, tendo como finalidade assegurar pela via do decreto a efetivação de uma análise tão profunda quanto uma análise com fins de cura, Ferenczi retirava o foco do controle institucional e teorizava sobre os efeitos de formação de uma análise que

chega a seu esgotamento natural, avançando, portanto, para além da remissão dos sintomas. Esse é o período da “superterapia⁸”, conforme nomeia Balint. Já vimos anteriormente como Ferenczi teorizou sobre o fim da análise e suas relações com a formação do psicanalista. Entretanto, é preciso frisar, as elaborações de Ferenczi, embora discordantes das postulações freudianas, são feitas à luz de uma articulação entre os objetivos do tratamento, a técnica psicanalítica e, principalmente, as aquisições necessárias ao analista para empreender análises bem sucedidas. Dessa forma, fica caracterizado que enquanto Ferenczi buscava contornar os obstáculos do tratamento e da formação do psicanalista a partir de uma vigorosa reflexão, a IPA insistia na regulamentação sem qualquer produção teórica que a sustentasse.

Balint chama atenção para o fato de que as análises didáticas passaram a durar cada vez mais em relação às análises comuns. Na década de vinte, duravam de um ano e meio a dois anos. A partir da década de trinta, porém, as instituições afiliadas à IPA já não entravam mais em acordo em relação à duração da análise didática, embora os prospectos de formação mencionassem que durasse cerca de quatro anos. Além do desacordo em relação à análise didática “pública” - aquela feita dentro dos parâmetros estabelecidos pela instituição -, Balint menciona no artigo “Formação psicanalítica e análise didática” (1953) o intrigante fato de que alguns analistas formados pela IPA, preocupados com os impasses de suas clínicas, abandonavam suas atividades e buscavam auxílio em outros grupos psicanalíticos a fim de empreenderem “análises pós-didáticas⁹”, sendo estas de natureza absolutamente privada. O autor batiza o fenômeno de “epidemia de migração dos analistas sênior¹⁰”.

Enquanto as análises didáticas “oficiais” possuíam caráter público, sendo objeto da regulamentação institucional, as

análises pós-didáticas eram assunto privado, não estando suscetíveis, portanto, a nenhuma interferência da instituição. A “epidemia de migração dos analistas sênior” em busca de “análises pós-didáticas” sugere a Balint a existência de problemas nas análises didáticas que, de alguma forma, inviabilizavam os tratamentos conduzidos pelos analistas, pois, caso contrário, eles não procurariam outras análises didáticas.

A análise pós-didática ou era a continuação da análise didática, ou seja, um assunto público, ou os analistas recém-formados ainda necessitavam de ajuda analítica, caso em que tanto o processo original de seleção quanto a recente graduação do analista caíam sob a suspeita de não terem sido adequados o suficiente (Balint, 1953, p.158).¹¹

Diante do quadro que punha em xeque as análises didáticas e, por consequência, a formação de seus psicanalistas, a IPA, inicialmente, passou a aumentar o tempo de duração das análises. Mais uma vez, segundo a denúncia de Balint no artigo “Sobre o sistema de formação psicanalítico” (1947/1985), a regulamentação excessiva ocupa o lugar que deveria ser o do questionamento sobre os objetivos e as formas de fomento das análises didáticas. Com o passar do tempo, já por volta da metade da década de trinta, a “emigração” dos analistas em busca de análises pós-didáticas diminuiu sua intensidade. O motivo apontado por Balint para essa mudança não foi o mero aumento do tempo das análises da forma que a IPA estabeleceu de princípio, mas a adoção por um número cada vez maior de instituições afiliadas da ideia da análise didática como uma “superterapia”, aos moldes do que preconizou Ferenczi.

O quarto período da análise didática passou a ser, portanto, o da superterapia.

Balint, retomando a teorização de Ferenczi sobre o fim da análise e sua relação com a formação do psicanalista, aponta, no artigo de 1953, o principal motivo do fracasso das análises didáticas do período da análise pessoal: o término precoce do processo analítico sem o esgotamento das fantasias e sem a flexibilização dos modos de satisfação pulsional. Para Balint, assim como para Ferenczi, a análise didática precisava avançar para além do complexo de Édipo, atingindo, inclusive, os fundamentos não verbais da pulsão: “Todas as novas técnicas pretendem ir além do conflito de Édipo, nos estados pré-edípicos, o que significa que eles devem expressar em palavras as experiências mentais de um período não-verbal, ou mesmo pré-verbal (Balint, 1953, p.159)¹²”.

Porém, Balint esclarece que a ambição de Ferenczi de que a superterapia trouxesse os ganhos dos atributos pessoais dos analistas necessários ao sucesso do tratamento e da padronização da técnica psicanalítica esbarrou no obstáculo da ausência de um padrão de superterapia. Como afirma Balint, “(...) várias tentativas têm sido feitas por vários analistas, cada um desenvolvendo sua própria superterapia e usando sua própria linguagem, ou seja, seu conjunto de termos técnicos, para descrever suas experiências (Balint, 1953, p.159)¹³”.

Visando a estabelecer os fundamentos da superterapia de forma a proporcionar uma concordância mínima entre as diversas concepções, Balint propõe que essa modalidade de análise didática seja pensada a partir da questão da transferência, mais especificamente, da transferência negativa.

Podemos considerar que a análise de Ferenczi com Freud deixou seus reflexos em toda a produção teórica do primeiro autor. Segundo André (1993), Ferenczi debruçou-se com afincamento sobre as questões da técnica psicanalítica, do fim da análise e

da formação do psicanalista em função de haver existido, em sua análise com Freud, “um resto incompreendido e não formulado (André, 1993, p.51)”. Balint não deixa de apontar a existência desse resto, chegando, inclusive, a acusar Freud de negligência em relação ao manejo dos aspectos hostis da transferência de Ferenczi. O fato é que Ferenczi, partindo de sua análise malograda, detém-se na teorização sobre o tratamento e a transmissão da psicanálise com o intuito de encontrar uma definição sem resto para a remissão dos sintomas, a profilaxia das neuroses, as fantasias inconscientes, os atributos do analista e a clínica dos demais analistas. Nesse sentido, André afirma que

(...) Ferenczi tornou-se o mais acirrado militante da transmissão da psicanálise, na exata medida em que, no seio de sua relação com Freud, subsistiu um resto incompreendido e não formulado. Por Freud não haver transmitido o que ele gostaria de ter recebido, Ferenczi quis tornar-se, ele mesmo, mais do que um psicanalista: quis tornar-se o próprio lugar da transmissão da psicanálise, e de uma transmissão total, sem resto (André, 1993, p.51).

Balint compartilha, em certa medida, com Ferenczi a ideia de uma transmissão total da psicanálise pela via da análise didática. Entretanto, diante das concepções distintas de superterapia no movimento psicanalítico, Balint aponta para a necessidade de isolar seu fundamento, que seria a transferência, mais precisamente, o manejo da transferência negativa. É com esse intuito que o autor, no artigo de 1953, refere-se à análise de Ferenczi com Freud, que teria encontrado seu principal obstáculo na ausência de um manejo

adequado dos sentimentos hostis que irromperam na transferência a partir de um estado constante de frustração.

No artigo “Mudanças dos objetivos terapêuticos e das técnicas na psicanálise” (1949)¹⁴, Balint, ao abordar os “elementos formais¹⁵” da conduta do analisante, ou seja, seus aspectos não verbais, afirma que eles são componentes da transferência, expressando, portanto, sentimentos relativos ao analista. Diante disso, conclui Balint, os elementos formais do analisante “devem ser considerados como manifestações de certas formas de relação de objeto - geralmente de um tipo primitivo - que foi reavivada na (ou talvez pela) situação psicanalítica (Balint, 1949, p.118)¹⁶”. Está em questão para Balint, a partir de então, uma nova orientação na técnica da psicanálise - e da análise didática - onde o foco está em “compreender e interpretar todos os detalhes da transferência do paciente em termos de relações de objeto (Balint, 1949, p. 119)¹⁷”.

Balint não abandona as concepções de Ferenczi acerca da análise do caráter e dos aspectos não verbais da situação analítica. Contudo, o primeiro diferencia-se em relação ao segundo ao afirmar, a partir dos enunciados trazidos pela “two body’s psychology¹⁸”, que os obstáculos do tratamento não estão localizados em dois pólos isolados - analista e analisante -, mas na relação entre ambos, ou melhor, no desenrolar das satisfações e das frustrações apresentadas na interação entre a transferência e a contratransferência. Nesse sentido, a análise didática deve possibilitar ao analista uma relação harmônica com o objeto de forma a promover, em suas análises futuras, um manejo adequado do par satisfação-frustração na relação com o analisante. Para Balint, saber responder do lugar de objeto da transferência coincide com uma relação apropriada com o objeto na contratransferência.

Abordamos anteriormente quatro períodos que, segundo Balint, compõem

a história da análise didática: os períodos de “instrução”, “demonstração”, “análise pessoal” e “superterapia”. Ainda resta co-tejarmos o período de “pesquisa”¹⁹, que é contemporâneo ao artigo “Formação psicanalítica e análise didática” (1953). Balint afirma que a análise didática com fins de pesquisa consiste numa tentativa confusa de contornar os impasses gerados pelo “conluio secreto entre o analista e seu candidato sobre a introjeção do analista idealizado (Balint, 1953, p.161)²⁰” e pela chamada “confusão das línguas” relativa à análise didática. Diante disso, o autor se pergunta:

Não é muito claro quem é o sujeito e quem é o objeto da pesquisa. É que com a ajuda do analista o candidato tem de descobrir algo sobre as camadas profundas de sua própria mente, ou é o analista que, com a ajuda de seus candidatos, quer descobrir algo sobre as possibilidades e limitações do seu próprio entendimento e técnicas? (Balint, 1953, p. 161)²¹

A quem interessaria esse tipo específico de análise didática? Quais os possíveis ganhos do analista e de seu analisante? Balint não responde a essas questões, embora afirme a possibilidade de que os objetivos do analisante e do analista na análise de pesquisa possam coincidir. O fato destacado por Balint na emergência da noção da análise didática com fins de pesquisa é que ela consiste, na verdade, na assunção, por parte dos analistas didatas, das limitações de suas compreensões e técnicas. Segundo o autor, a passividade do analista didata em seu trabalho de pesquisa, ao invés de possibilitar soluções às suas limitações técnicas e conceituais, impede o manejo satisfatório da transferência de forma a contornar os impasses do tratamento. Dito de outra forma, a excessiva

desconfiança em relação à própria técnica inviabiliza a análise didática, restando ao analista, então, optar pelo aspecto didático da análise ou pelo investigativo.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, S. (1993) *A impostura perversa*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- BALINT, M. (1949) Changing therapeutical aims and techniques in psycho-analysis. *International Journal of Psycho-Analysis*, pp 117 - 124.
- _____ (1953). Analytic training and training analysis. *International Journal of Psycho-Analysis*, pp 157 - 162.
- FERENCZI, S. (1992) A técnica psicanalítica. In *Obras Completas Psicanálise*. Volume II. São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1919)
- _____, S. (2011a) O problema do fim de análise. In *Obras Completas Psicanálise*. Volume IV. **São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1927)**
- _____, S. (2011b) Elasticidade da técnica psicanalítica. In *Obras Completas Psicanálise*. Volume IV. São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1927)
- FREUD, S. (1996a) Sobre o ensino da psicanálise nas universidades. In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Volume XVII. Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1919)
- FREUD, S. (1996b) Análise Terminável e Interminável. In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Volume XXIII. Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1937)
- LACAN, J. (1998) Situação da psicanálise e formação do psicanalista em 1956. In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Original publicado em 1956)

MILLER, J. (2008) *La experiencia de lo real en la cura psicoanalítica*. Buenos Aires: Paidós. (Original publicado 1997)

SAFOUAN, M. (1985) *Jacques Lacan e a questão da formação dos analistas*. Porto Alegre: Artes Médicas.

press in words mental experiences of a non-verbal or even pre-verbal period.

13 No original: *several such attempts have been made by various analysts, each of them developing his own supertherapy and using his own language, i.e. his set of technical terms, for describing his experiences.*

14 No original: *Changing Therapeutical Aims and Thecniques in Psycho-Analysis.*

15 No original: *formal elements.*

16 No original: *they have to be regarded as phenomena of some skind of object relation - often of a primitive type - which has been revived in (or perhaps by) the psycho-analytical situation.*

17 No original: *understanding and interpreting every detail of the patient's transference in terms of object relations.*

18 *Psicologia dos dois corpos*

19 No original: *research.*

20 No original: *the covert collusion between analyst and his candidate about introjecting the idealized analyst.*

21 No original: *It is not quite clear who is the subject and who the object of the research. It is that with the help of analyst the candidate has to find out something about the deep layers of the human (his own) mind, or is it the analyst who, with the help of his candidate, wants to find out something about the possibilities and limitations or his own understanding and techniques?*

NOTAS

(Endnotes)

1 No original: *On the Psycho-Analytic Training System.*

2 No original: *Analytic Training and Training Analysis*

3 No original: *instruction*

4 No original: *demonstration*

5 No original: *the need for something more than intelectual knowledge was recognized, and the 'something more' consisted of a short analysis lasting some weeks to some months, which enabled the candidate to experience in his own mind the validity and force of the main psycho-analytical findings.*

6 No original: *that the patients should be better analysed than their analysts.*

7 No original: *proper analysis.*

8 No original: *supertherapy.*

9 No original: *post-training analysis.*

10 No original: *epidemic of migrating senior analysts.*

11 No original: *The post-training analysis is either a continuation of the training analysis, i.e., a public affair, or the newly graduated analyst is still in need of analytic help in which case both the original select ion procedure and the recent graduation come under suspicion of not having been quite adequate.*

12 No original: *All the new techniques claim to go beyond the Oedipus conflict, into the pre-oedipal states, which means that they must ex-*

Recebido em: 09/11/2015.

Aprovado para publicação em: 18/01/2016.